



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15604 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT05 - Estado e Política Educacional

O OLHAR DE JOVENS ESTUDANTES SOBRE A POLÍTICA DO NOVO ENSINO MÉDIO

Zuleide Fernandes de Queiroz - Universidade Regional do Cariri -URCA

Celecina de Maria Veras Sales - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ/MCTI/FNDCT

O OLHAR DE JOVENS ESTUDANTES SOBRE A POLÍTICA DO NOVO ENSINO MÉDIO

RESUMO

O estudo tem como questão maior como vem sendo a implantação do NEM, seus itinerários formativos e projeto de vida? Neste sentido o objetivo é apresentar sob o olhar dos jovens estudantes, como ocorreu a implementação do novo ensino médio (NEM) e como vem se efetivando na prática em escolas do Ceará. A pesquisa contou com a participação voluntária de 9 jovens, na escola 01, 7 jovens na escola 02 e 5 jovens na escola 03, em um total de 21 jovens entrevistados. Os jovens são estudantes pobres, que vivem momentos de incertezas, de crise política e econômica, alguns vivem na periferia violenta de uma capital nordestina e outros/as são de um pequeno município. As conclusões: observamos que os jovens expressaram diversas posições sobre o que consideram como dificuldades, problemas, as suas falas são bem distantes das propagandas na mídia que proclamam a satisfação dos jovens com o NEM.

Palavras – chave: Novo Ensino Médio – Itinerários Formativos – Projeto de vida - Juventude

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um recorte da pesquisa nacional/Chamada CNPq/MCTI/FNDCT No 40/2022 - PRÓ-HUMANIDADES, intitulada “ITINERÁRIOS FORMATIVOS E PROJETOS DE VIDA NO NOVO ENSINO MÉDIO: PROCESSOS, PROPOSTAS E SUJEITOS”, que tem como questão maior como vem sendo a implantação do NEM, seus itinerários formativos

e projeto de vida? Neste sentido o objetivo deste estudo apresentar sob o olhar dos jovens estudantes, como ocorreu a implementação do novo ensino médio (NEM) e como vem se efetivando na prática em escolas do Ceará.

O NEM encontrou no Ceará um ambiente propício para sua implantação, uma vez que desde 2011 o estado iniciou mudanças nas políticas educacionais, através da ampliação curricular, período que foram implantadas as escolas profissionais que tiveram apoio e incentivo do governo federal, transformando escolas regulares em profissionalizantes em tempo integral. Embora a implementação do NEM tenha ocorrido em 2022, a proposta nacional da reformulação aparece em 2013 através do Projeto de Lei n.6.840-A/2013 que, embora tenha havido muitas discussões, tomam novo rumo em 2016, na conjuntura pós-golpe que o então presidente da república, Michel Temer acelera uma onda de reformas, a da previdência, a trabalhista e a reforma do ensino médio. Nesse cenário, a reforma do ensino médio é efetivada através da Medida Provisória n. 746, de 22 de setembro de 2016, que posteriormente foi transformada em lei pelo Congresso Nacional- Lei n.13.415, e sancionada pelo presidente em 16 de fevereiro de 2017.

No Ceará a implementação do NEM na rede estadual de ensino iniciou em 2019, através de um programa piloto com a participação de 459 escolas. Dessa forma, em 2022, período da implantação do NEM no Brasil, o Ceará já possuía escolas de tempo integral e segundo um coordenador pedagógico de uma escola pesquisada, “algumas escolas que já estavam como piloto para o NEM, então receberam um recurso diferenciado e se anteciparam nesse momento de implementação geral e obrigatória como aconteceu no ano de 2022”.

Nesse momento, o panorama educacional nos 184 municípios do Ceará era de 748 escolas, sendo 643 localizadas em zona urbana e 105 em zona rural. As categorias de escolas na rede de ensino estão distribuídas entre Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI); Escolas de Ensino Médio (EEM) Regulares; Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP); Escolas do Campo; Escolas Quilombolas; Escolas Indígenas (EI); Escola Familiar Agrícola (EFA); Institutos de Educação; Escolas Militares; e Centros Educacionais de Jovens e Adultos (CEJA).

Essa pesquisa, de base qualitativa, foi desenvolvida em três escolas, uma em tempo integral, uma noturna na periferia de Fortaleza e uma regular fora da capital, para conhecer a realidade dessas escolas utilizamos grupos de discussão com estudantes e professores e realizamos entrevistas com especialistas (diretores de escola e coordenadores pedagógicos).

2 O NOVO ENSINO MÉDIO NO CEARÁ

O acesso à educação no Brasil é historicamente marcado por desigualdades, esse quadro se agrava no ensino médio, mesmo com a expansão do EM na década de 1990. Os dados mais recentes apresentados pelo Censo escolar 2024 aponta que no ano de 2023, foram registradas 7,7 milhões de

matrículas no ensino médio, e 91,9% da população de 15 a 17 anos frequenta a escola. O ensino médio em tempo integral cresceu 9,9% na rede pública, entre 2019 e 2023 (INEP, 2024). Segundo o plano de implantação do NEM do Ceará, o quantitativo de matriculados no estado, ultrapassou a média nacional, pois o Ceará chegou a mais 98% de matriculados.

Esses dados anunciam mudanças e avanço da escolarização, mas encobrem o processo de precarização das escolas e pouco investimento em políticas educacionais. A reforma do ensino médio é um exemplo recente sobre o “rebaixamento do acesso ao conhecimento a jovens brasileiros/as; mas não para todos, já que as elites e as classes médias não permitirão a simplificação curricular nas escolas que atende” (JACOMINI, 2022,pg 268).

Esse cenário nos leva a refletir sobre os dilemas enfrentados pelos jovens estudantes e professores das escolas públicas sobre essa crise programada que tem deslegitimado a escola e a educação no Brasil.

As deficiências atuais do ensino médio no país são expressões da presença tardia de um projeto de democratização da educação pública no Brasil ainda inacabado, que sofre os abalos das mudanças ocorridas na segunda metade do século XX, que transformaram significativamente a ordem social, econômica e cultural, com importantes consequências para toda a educação pública. (KRAWCZYK, 2023, p. 754)

Esse processo traz consequências que se refletem no NEM quando traz na sua concepção e implantação um indício da distância entre o que essa reforma tem para oferecer aos jovens estudantes e o que esses jovens esperam do NEM.

2.1. O que pensam os jovens estudantes sobre o novo ensino médio

A pesquisa contou com a participação voluntária de 9 jovens, na escola 01, 7 jovens na escola 02 e 5 jovens na escola 03, em um total de 21 jovens entrevistados. Os jovens são estudantes pobres, que vivem momentos de incertezas, de crise política e econômica, alguns vivem na periferia violenta de uma capital nordestina e outros/as são de um pequeno município. A eles/as foi oferecido um ensino médio que passa por uma reforma que afeta profundamente sua trajetória. O que a escola produz na vida desses jovens?

As escolas tornam-se espaços para reprodução das desigualdades sociais e culturais, porque o conhecimento repassado para os jovens é organizado para satisfazer aos interesses de um grupo hegemônico. Os saberes desse grupo permeiam as práticas e falas escolares e conseguem imprimir saberes universais a contextos particulares que envolvem conceitos de submissão, autoridade, competências individuais, regras e convenções na intenção de produzir jovens *eficientes e competitivos*. (SALES; VASCONCELOS, 2016, p.72)

Durante a realização dos grupos de discussão, os jovens estudantes da pesquisa apontam uma realidade com diversos problemas no cotidiano escolar, quando se referem ao NEM, como a falta de estrutura para receber a modalidade de tempo integral, pouco investimento na formação de professores/as, a inadequação do currículo. Isso pode ser observado quando propomos aos jovens que falassem sobre o NEM e um jovem de uma escola regular afirma que “a escola não tinha estrutura pra esse projeto e a maioria das coisas

que promete nesse projeto nunca aconteceu nessa escola” (J1).

Outro jovem destaca a separação entre a demanda dos estudantes e o papel do estado, “o novo modelo ele realmente é uma coisa interessante, mas ele não foi aplicado pra estudantes, foi pro estado não capacitar, mas sim fiscalizar a nossa mentalidade” (J2).

Muitas críticas dos estudantes se referem especificamente sobre as trilhas, que no projeto são denominados de itinerários.

As trilhas elas descapacitam tudo que a gente vê, tanto que tem alunos se mobilizando contra as trilhas, no semestre passado em uma trilha específica os alunos não entraram na sala porque não aceitavam o tipo de aula que era dada, nem a professora mesmo sabia a matéria que ela tava dando, ela trocava matéria, teve uma semana que a gente recebeu duas aulas que era pra ser da turma do segundo C, uma sala de humanas recebendo aula de exatas.(J1 da escola 1).

Outros jovens da escola 2 também corroboram com a opinião sobre as trilhas, sobre as escolhas das trilhas tão propagada na mídia, como afirma Castilho (2017) a oferta dos itinerários formativos depende muito mais das condições que a escola possui em ofertá-los do que da escolha dos estudantes, “a premissa de escolha, especialmente em escolas públicas, portanto, é um engodo – uma ficção” (CASTILHO, 2017, p.9). E os estudantes falam sobre isso.

No começo do ano quando a gente foi fazer a matrícula falaram pra gente escolher as trilhas, só que assim... só misturaram os alunos e botaram em cada sala, por exemplo, eu escolhi pra robótica e me botaram pra história. (J5 da escola 2)

O NEM foi algo drástico porque a proposta pelo governo foi que os alunos teriam um curso que eles escolheriam, só que na prática isso não foi feito. Implantaram coisas que a gente não gostava, matérias que a gente não queria estudar, isso foi se tornando algo chato para alguns alunos, porque enquanto alguns queriam estudar a matéria, outros não queriam, isso bagunçava a sala, tornava a matéria difícil, algo assim (J6 da escola 2).

Percebemos que há resistência, os estudantes reagem de diversas maneiras, protestam em sala de aula, criticam a forma como o NEM vem sendo implantado.

As trilhas eram pra nos ajudar na formação que a gente quer só que aí é uma falha porque eles mandam escolher alguma coisa que a gente quer cursar na faculdade e não pode mudar nesses três anos o que não dá certo porque esse período é o que a gente mais muda de opinião em relação ao que a gente quer fazer ou seja se eu tô na trilha de humanas eu não posso ir pra de exatas eu não tenho essa opção.(J2 da escola 1).

a gente é muito jovem e vai mudando conforme as dificuldades que aparecem nos nossos caminhos a mentalidade vai mudando (J4 da escola 2).

Interessante observar as falas dos jovens sobre as escolhas que precisam fazer no início do EM e a dificuldade de não poder mudar de área no seu percurso, como reflete um dos jovens, é difícil definir “trilhas” e não ter opção de mudança. O desejo de mudança de área não é somente por descoberta de profissões ou de suas habilidades, como acontece com os jovens de escolas privadas, mesmo porque muitos jovens da escola pública não têm escolha, é a sua condição de classe que determina sua trajetória, pois muitos precisam trabalhar durante o EM, por isso mesmo existe uma grande distância entre o sonho de entrar em uma universidade, escolher o curso que tem afinidade e sua realidade de jovem pobre, que por necessidade financeira precisa trabalhar para ajudar a família. Nos perguntamos, onde se encontra a tão falada autonomia dos jovens no projeto do NEM?

Os jovens também discorreram sobre as aulas e os/as professores/as levantaram críticas que se referem a condução da implantação do NEM, mas reconhecem a competência e formação dos/as professores/as.

E toda semana chega um professor novo, porque os nossos professores não estão aguentando esse tipo de ensinamento, nós temos professores muito capacitados, tem professor aqui com doutorado, mestrado, pós-graduação, então eles são capacitados, mas eles recebem do estado algo que eles não foram treinados pra fazer e querem mudar tudo em cima da hora” (J1 Escola 1)

Outro ponto que os estudantes perceberam é que os itinerários formativos ou trilhas foram passados com poucas informações aos/as professores/as, sem adequar a sua área de estudo, isso tem causado uma permanente tensão entre a formação dos professores e as trilhas que precisam trabalhar com os alunos/as.

O NEM aprofunda a fragmentação do ensino médio, expulsa setores da população jovem da educação básica, superficializa a formação escolar, intensifica drasticamente o trabalho docente, barateia a qualificação profissional da juventude, cria novas barreiras para o acesso ao ensino superior público – prejudicando especialmente estudantes que sempre tiveram as piores condições de escolarização. (CASSIO; GOULART, 2020, p. 290)

Ao mencionar os problemas ocorridos, quando se referem as/aos professores/as, não estão questionando a competência, mas a falta de informações, quando ressaltam que nem mesmo a professora sabe a matéria que devia ministrar, demonstram como o NEM chega ao chão da escola.

Porque tem casos de professores de humanas dando aula de itinerário de exatas, de ciências da natureza e de certa forma eles tentam seguir o roteiro das trilhas e eles não sabem o que fazer porque eles têm que fazer um grande estudo saber como é que eles vão aplicar na turma.

Essa realidade tão confusa para estudantes e professores/as evidencia como sendo implantado o NEM, como nos disse um professor, nem mesmo quem traz as

informações sabe realmente por onde caminhar, ainda tem muitos pontos obscuros e nesse campo de incertezas são os estudantes que se perdem pelo caminho. Como recuperar o que vem sendo perdido?

A nossa escola tem muita evasão, muitos alunos não assistem as trilhas, as nossas trilhas aqui são no período da tarde e você vê que pela manhã tem 30 alunos e quando eu chego a tarde tem 15, 10 alunos, porque os alunos não querem assistir as trilhas, as vezes eles não têm apoio do laboratório de informática porque tá sempre ocupado e é muito pequeno (J6, escola 2).

Aconteceu um caso recente que a pessoa teve que sair pra uma escola muito longe, que não era viável pra ele, mas não era Ensino médio em tempo integral pra conseguir trabalhar (J7)

Muitos alunos estavam deixando de vir pra escola pra estudar em casa, eu sou um desses, eu percebi que com esse NEM se eu fosse depender de professor para alcançar meus objetivos não ia dar certo, comecei a faltar mais pra estudar em casa (J8)

As falas mostram o processo de precarização da escola, do ensino, das mudanças propostas. Os desafios a serem enfrentados são muitos na implantação do NEM, e os estudantes percebem com clareza as perdas que tiveram no currículo e suas consequências, principalmente para os/as que desejam entrar na universidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a guisa de conclusão, podemos afirmar que para os jovens estudantes que participaram da pesquisa, o NEM trouxe mudanças que interferem diretamente na sua formação e na sua permanência na escola. Contudo, não são as mesmas mudanças anunciadas nos documentos oficiais da reforma do novo ensino médio, ou nas entrevistas dadas por gestores/as do MEC ou da SECUD-CE quando apontam que as mudanças estão na estrutura organizacional, na opção que os/as alunos/as tem para escolher em que áreas de conhecimento ele vai se aprofundar. Estudiosos sinalizam que os itinerários não deveriam ser escolhidos apenas pelos/as estudantes pois, como propor escolhas sem considerar questões estruturais das escolas? Os documentos também discorrem sobre mudanças nas práticas e metodologias das escolas prometendo que serão mais atrativas e convidativas para o aluno do ensino médio.

Os jovens expressaram suas críticas sobre diversos aspectos que envolvem o NEM, apontam principalmente a viabilidade e condução dos itinerários formativos (trilhas) como a falta de opções de itinerários, o fato de não ter possibilidade de mudar de área durante os três anos do EM, o NEM não previu a liberdade dos jovens em mudar de área. Enfatizam a falta de estrutura da escola para receber os estudantes em tempo integral, como número de banheiros, falta espaço de estudo, laboratórios muito pequenos, refeitório improvisado, salas muito quentes, enfim falta de condições de permanência no período maior.

Observamos que os jovens expressam diversas posições sobre o que consideram como dificuldades, problemas, as suas falas são bem distantes das propagandas na mídia que proclamam a satisfação dos jovens com o NEM. O que é bastante importante é que os jovens sabem falar sobre essa experiência que estão vivenciando na escola.

REFERÊNCIAS

CÁSSIO. Fernando; GOULART. Débora. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: *das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem*. In Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 16, n. 35, p. 285-293, mai./ago. 2022. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde> acesso em 26/06/2024

CASTILHO, Denis. REFORMA DO ENSINO MÉDIO: DESMONTE NA EDUCAÇÃO E INÉRCIA DO ENFRENTAMENTO RETÓRICO. in Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia, 2017 N° 1, vol. 4. Disponível em: <http://www.geografia.blog.br/gallery/gdn04v0> Acesso em 28/6/2024.

JACOMINI, Márcia Aparecida. Novo Ensino Médio na prática: *a implementação da reforma na maior rede de ensino básico do país*. In Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 16, n. 35, p. 267-283, mai./ago. 2022. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde> Acesso em 29/06/2024

KRAWCZYK, N. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cadernos de Pesquisa*, v.41 n.144 set-dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000300006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/mq5QhqMxcsdJ9KfDZjqLmtG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 mai. 2023.

SALES. Celecina de M. Veras ; VASCONCELOS. Maria Aurilene de D.. Ensino Médio Integrado e Juventudes: desafios e projetos de futuro in Revista *Educação & Realidade*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. v.41, n. 1, p.1-302, jan/mar. 2016

CEARÁ/SEDUC. Plano de Implementação do Novo Ensino Médio (PLI) do Ceará. 1995.

.